Letramento digital e professores: experiências inspiradoras

*Richard Romancini**

Retomando a discussão iniciada alguns textos atrás, gostaria de reforçar alguns pontos sobre o **letramento** digital:

- Trata-se de uma nova dimensão do **letramento**, na qual a ideia de "texto" é ampliada para todas as linguagens agora absorvidas pelo universo digital – o próprio texto escrito, a imagem estática (fotografia, ilustração etc.), o vídeo, o som, suas combinações etc.
- O seu aspecto "novo" relaciona-se a uma mutação social vinculada a noções como as de "sociedade em rede" e "cultura da convergência".
- Apresenta diferentes dimensões, quer dizer, não se trata somente de um conhecimento técnico (sobre como operar um computador, por exemplo), mas envolve a manipulação de códigos, linguagens, operações cognitivas (tais como: tanto encontrar uma informação na internet, como também ser capaz de avaliá-la).
- As práticas de **letramento** digital têm, muitas vezes, o potencial de articular-se a fins educacionais, em modelos de ensino-aprendizagem mais eficazes. Isso acontece por poderem envolver situações contextualizadas e atividades nas quais os conteúdos são logo aplicados. Há, assim, uma participação mais ativa do estudante, que terá algo a ensinar aos colegas e, talvez, à professora (ou ao professor). Em suma, favorece aquilo que James Paul Gee chama de "aprendizagem profunda".

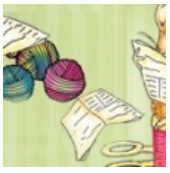
A articulação entre escola e práticas de **letramento** digital por estudantes depende destes mediadores fundamentais que são os professores. Como falamos numa educação para (e em) um ambiente cultural em mudança, desenvolver a capacidade de ensinar os novos letramentos não é simples. Geralmente pouco desenvolvida na formação inicial dos professores, implicará que estes também tenham criatividade, ousadia para experimentar e capacidade de autocrítica: enfim, professoras e professores com a mesma vontade de aprender que procuram incutir em seus alunos.

Como já notara, com grande sagacidade, Guimarães Rosa: "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende" (1994, p. 436).

No entanto, como defendem Lankshear e Knobel (2010), como os jovens desenvolvem os **letramentos** digitais, sobretudo, "com a mão na massa" (alguém ensina um adolescente a jogar *videogame*? os jovens leem algum "manual" antes de utilizar o Instagram?), fica evidente a necessidade de experimentar (jogar, postar, blogar etc.), participar dos grupos que desenvolvem determinada prática. Só assim o educador poderá entender melhor a cultura relacionada a determinado **letramento** e, dessa forma, desenvolver a capacidade de criar conexões entre este **letramento** e objetivos educacionais.

Mas quais experimentações propomos e por quê? Para a reflexão/ação que envolve essas perguntas, uma etapa prévia interessante pode ser conhecer outras experiências. Como outros educadores integraram práticas de letramento digital ao seu fazer pedagógico? Não basta conhecer e observar, no entanto isso pode ajudar a perder inibições e receios, assim como a imaginar o que poderia ser válido em nosso cotidiano escolar e em relação ao que temos interesse.

MAIS LIDAS



Literatura infantil lúdica: uma importan...
Raimunda Alves Melo* A literatura infantil é objeto de muitas pesquisas nas &uacut...

Momento certo para aprender...
Antônio Gomes Batista, doutor em educação pela Universidade Federal ...

VEJA MAIS

Especial multimídia...
O especial multimídia Práticas de leitura na escola apresenta como as crianças ...

Seguem algumas experiências que espero sejam inspiradoras aos professores que leem este texto.

A professora que criou um *e-book* com seus alunos

Um interessante projeto envolvendo contos, história/memória oral e reescrita de textos foi feito pela professora Ana Cláudia Santos, da Escola Estadual Padre Paulo, em Santo Antônio do Monte (MG). A professora ganhou um prêmio por esse trabalho, realmente criativo. Para assistir ao vídeo sobre o projeto, clique aqui.

Em termos dos novos letramentos, chama a atenção o uso feito pelos alunos da 6ª série de câmeras de vídeo: no registro das histórias contadas pelos moradores da região. Depois, como a professora explica, houve um trabalho de transcrição, reescrita e reflexão sobre as modalidades linguísticas (oral e escrita) e textuais. Desse modo, foi possível estudar aspectos como os elementos que estruturam as narrativas e os diferentes níveis de linguagem.

Por fim, o trabalho é concluído com a criação do *e-book*, intitulado **O povo conta**, com as histórias que os alunos escreveram. É um excelente exemplo de como os **letramentos** digitais podem ser articulados aos **letramentos** tradicionais que a escola procura ensinar. Vale notar também a observação da professora de que os alunos "foram capazes de desenvolver o potencial de **ser escritor**" (o destaque é meu). Como discutimos antes, **aprender a ser** alguma coisa relaciona-se a conhecer e aplicar determinados conteúdos e competências (favorecendo a apreensão e o desenvolvimento destes) — no caso, os que envolveram a feitura do *e-book* (escrever, digitar, inserir imagens etc.). Em propostas com maior uso da multimídia (e trabalho com o **letramento** digital), seria possível utilizar também vídeos, áudios e outros tipos de imagem (fotos, por exemplo).

Há vários *sites* em que é possível criar e publicar *e-books* gratuitamente. Um deles é a plataforma **Livros digitais**. Para conhecer, clique aqui.

Experiências educomunicativas com TVs escolares

Conforme a cultura digital avança e dispositivos tecnológicos tornam-se cada vez mais acessíveis, têm aumentado as propostas de TVs escolares, envolvendo professores e estudantes.

Esse foi o caso da **TV Cedro Rosa**, de São Paulo, que se singularizou pelo trabalho com alunos de Educação Infantil. Como o professor Marcelo Augusto Pereira dos Santos, o criador do projeto, explica num trabalho dos alunos de Educomunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), a proposta permitiu que as crianças se tornassem mais autônomas e confiantes.

A mediação do professor é fundamental, em diferentes tarefas envolvendo o planejamento, a filmagem e a edição das atividades escolhidas pela turma. Aqui, parece haver mais uma familiarização com os novos **letramentos** do que seu ensino. Mas, sem dúvida, trata-se de um projeto que favorece aspectos relacionados ao conhecimento do mundo (no caso, por meio da linguagem audiovisual) pelas crianças.

Outra experiência interessante foi desenvolvida por estudantes de uma escola municipal no Rio Grande do Sul, que criaram uma WebTV, a CBB. O desenvolvimento do projeto envolve gravação, edição e postagem digital de vídeos abordando questões ligadas à escola. Certamente, nesse processo se desenvolvem competências relacionadas aos novos **letramentos**.

Para acessar o canal da **CBB** no Youtube, clique aqui.

Segundo relato do professor Jorge Cesar Barboza Coelho, responsável pelo projeto e um dos ganhadores do Prêmio Professores do Brasil, em 2012, o trabalho permitiu desenvolver inicialmente questões ligadas à expressão comunicativa dos jovens. Porém, "tópicos de outros componentes curriculares são abordados, tais como categoria lugar e geolocalização da Geografia, conhecimentos da Língua Inglesa, noção historicidade e registro histórico, cuidado com o corpo da Educação Física, conhecimentos estéticos das Artes, releituras musicais, senso crítico e consciência social da Ética, desafios matemáticos, análise de obras literárias, apresentação de projetos de Ciência. Aliás, muitos desses são tratados de modo transversal, com a colaboração de outros professores" (COELHO, 2012).

Desse trecho, destaco a ideia do trabalho transversal, com diferentes conteúdos, favorecido por propostas que envolvem **letramento** digital e midiático. Estes podem beneficiar, quando há professores criativos e com bons planejamentos, novas formas de ensinar e aprender tanto os tradicionais como os novos conhecimentos.

Existem muitas outras experiências interessantes, inclusive já relatadas pela **Plataforma do Letramento**, na qual vale a pena você navegar. No entanto, bastante válido também seria o eventual relato de trabalho realizado por professores e alunos nos comentários deste texto. Eu sinceramente agradeceria!

Referências bibliográficas:

COELHO, Jorge Cesar Barboza. **Aprendizagem colaborativa através de uma Web TV**: Escola Municipal de Ensino Fundamental Borges de Medeiros. Campo Bom (RS), 2012. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016739.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2014.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. DIY Media: A Contextual Background and Some Contemporary Themes. In: LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele (Ed.). **DIY Media**: Creating, Sharing and Learning with New Technologies. Nova York: Peter Lang Publishing, 2010. p. 1-26.

ROSA, João Guimarães. Grandes Sertão: Veredas. In: **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.

* Richard Romancini é jornalista, professor universitário e doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). É pesquisador do Núcleo de Pesquisa do Mercado de Trabalho em Comunicações e Artes (Nupem-ECA/USP) e atua na área de Comunicação e Educação, no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP)

Leia outros textos desta coluna:

O que é, afinal, letramento digital?

Dimensões do letramento digital

Os letramentos digitais e a educação: primeiros passos

Os letramentos digitais e a educação: práticas contextualizadas e escola

VOLTAR

COMENTÁRIO(S)

Clique aqui e faça seu login para comentar o artigo

Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons

INICIATIVA

Fundação Volkswagen

COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENPEC estudos pesquisas educação cultura ação comunitária